

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACUDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Isamara Gonçalves de Sousa de Oliveira

Marcilene Ferreira Gama da Mota

Romaria Gonçalves de Sousa

**Plantio no Brejo: o manejo do feijão na aldeia Barra do Sumaré, Terra
Indígena Xakriabá**

BELO HORIZONTE

MAIO 2017

**PLANTIO NO BREJO: O MANEJO DO FEIJÃO NA ALDEIA BARRA
DO SUMARÉ TERRA INDIGENA XAKRIABA**

ISAMARA GONCALVES DE SOUSA DE OLIVEIRA

ROMARIA GONCALVES DE SOUZA

MARCILENE FERREIA GAMA DA MOTA

Percurso acadêmico
apresentado à Universidade
Federal de Minas Gerais
como requisito parcial para
obtenção ao título de
licenciado em Ciências
Sociais e Humanidades.

Orientador: Paulo Maia

Dedicatória

Dedicamos esse trabalho ao povo Xakriabá, aos nossos familiares, parentes e amigos aos anciãos da nossa comunidade que nos possam tantos conhecimentos e as famílias que realiza as práticas de manejo com a terra.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus, que se não fosse por ele não estaríamos aqui para realizarmos esse trabalho, aos nossos familiares pelo apoio e o incentivo que sempre têm nos dado, aos nossos anciãos, se não fosse por eles não seria possível à realização desse trabalho. Ao cacique Rodrigão (in memoriam) e a todos os plantadores do feijão nos brejos, aos professores, bolsistas, secretários da FAE, e a todos os membros do FIEI, em especial ao nosso professor-coordenador Paulo Maia, aos nossos professores da aldeia e por fim a todos que contribuíram direta e indiretamente para realização do nosso trabalho.

O NOSSO MUITO OBRIGADA!!!

Resumo

O nosso trabalho aborda o manejo e a forma de plantio de feijão do brejo na aldeia xakriabá Barra do Sumaré, em São João das Missões – MG, praticado pelos mais velhos e jovens dessa comunidade. Neste trabalho buscamos mostrar a história de construção do açude e o manejo que os plantadores de feijão fazem nestas terras, além da importância que essas plantações têm pra nossa aldeia.

Palavras-chave: manejo de feijão, conhecimentos tradicionais, povo Xakriabá,

ÍNDICE

1. Introdução.....	06
2. Os Brejos antes da demarcação da Terra Índígena Xakriabá	
2.1. Os primeiros plantadores.....	13
2.2. A enchente que destruiu quase todo o açude e os primeiros Xakriabá beneficiados com as terras.....	17
2.3. A reconstrução do açude em 1995.....	17
2.4. Os plantadores atuais.....	20
3. O manejo do feijão nos brejos	
3.1 O preparo da terra e irrigação.....	21
3.2 Plantação.....	21
3.3 Colheita.....	25
3.4 Estocagem e armazenamento.....	26
3.5 Venda, troca e consumo do feijão.....	27
4. Envolvimento das famílias e das associações das aldeias xakriabá nas plantações de feijão no Brejo	
4.1. Famílias.....	28
4.2. A importância das famílias e do trabalho em conjunto na plantação de feijão no Brejo.....	28
4.3. Recursos de associações.....	31
4.4. Manutenção e mudanças da produção agrícola no brejo hoje.....	35
5. Considerações Finais.....	38
Lista dos entrevistados.....	40
Anexo: Mapa mental da Aldeia Barra do Sumaré.....	41

1. Introdução

1.1 Apresentação das graduandas

Antes de começar, gostaríamos de nos apresentar:

Meu nome é Isamara Goncalves de Sousa de Oliveira, tenho 24 anos de idade, sou casada, e tenho um filho. Minha mãe se chama Mercês e meu pai se chamava Manoel. Sou Xakriabá, moro na aldeia Barra do Sumaré, localizado no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais.

Comecei a estudar com sete anos de idade, e a primeira escola que estudei foi em um dos cômodos da nossa casa, porque como meu pai era professor e naquela época não havia escolas nas aldeias, então ele resolveu doar um dos cômodos da nossa casa para fazer uma sala de aula, e nessa sala eu estudei até a terceira série.

Estudei na minha aldeia até a oitava série, como na minha aldeia não tinha aulas do Ensino Médio, então tive que ir para outra aldeia. Fui estudar na aldeia Barreiro Preto, lá estudei o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio. Depois houve a criação do Ensino Médio na aldeia Morro Falhado e, como ficava mais perto da minha aldeia e o ônibus escolar estava indo até a minha aldeia para pegar os alunos, eu voltei para minha aldeia e terminei o Ensino Médio na aldeia Morro Falhado.

Quando ainda estava estudando o 3º ano, comecei a trabalhar como professora, contratada pela prefeitura. Na Escola Municipal Teodomiro Corrêa trabalhei por cinco anos com as séries iniciais, dando aulas para jovens e adultos. E hoje continuo atuando como professora, mas agora trabalho contratada pelo estado, sou professora do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Indígena Mambuka, na aldeia Barra do Sumaré.

Meu nome é Romaria Gonçalves De Souza, tenho 28 anos de idade, sou casada e tenho um filho. Sou Xakriabá, moro na aldeia Barra do Sumaré,

localizada no município São João das Missões, norte de Minas Gerais. Minha mãe é Mercês, e meu pai se chamava Manoel. Tenho três irmãos.

Comecei a estudar com sete anos em outro município, em Manga, pois dentro do nosso território não tinha escola. Mas nesta mesma época, as lideranças e cacique já estavam correndo atrás de criar escolas dentro das comunidades Xakriabá. No ano seguinte já tivemos uma grande conquista, já fomos estudar dentro do nosso território com professores indígenas, a partir daí nunca mais estudei fora da reserva. Lembro-me de que desde muito pequena já ajudava meus pais na roça no plantio dos brejos, ajudava a semear o feijão, tapar covas e até capinar o mato. Na colheita era eu e meus irmãos e tios que ajuntava o pé de terreiro¹.

Sempre fui uma criança bastante livre, eu ajudava minha mãe na casa e meu pai na roça, mas sempre tinha aquele tempinho para brincar, gostava muito de brincar de professora, este sempre foi o meu sonho desde criança. E hoje esse sonho se tornou realidade. Agradeço muito a Deus por tudo, e todas às pessoas que contribuíram para que esse sonho se torne realidade.

Meu nome é Marcilene Ferreira Goma da Mota, tenho 32 anos de idade, sou casada e tenho um filho. Sou da etnia Xakriabá, da aldeia Morro Falhado, localizada no município De São João das Missões.

Comecei a estudar aos sete anos de idade na escola Municipal João XXIII, localizada na aldeia Sapé, há seis quilômetros de distância da minha casa e nessa escola cursei da 1º a 4º série do Ensino Fundamental. Em 2002 comecei a estudar a 5º e a 6º séries na aldeia Brejo Mata Fome, na Escola Estadual Indígena Bukimuju porque na minha aldeia não tinha professores que trabalhavam com essas séries. Porém, devido à distância, não foi possível dar continuidade, pois nessa época não tinha transporte escolar dentro das aldeias. Em 2003 foi preciso deixar a escola indígena, pois não tinha o Ensino Médio no Xakriabá, então fui estudar na Escola Estadual Eliazar Jose Rodrigues no município de São João das Missões e me formei em 2007. Em 2010 comecei a trabalhar com Ensino Médio Escola Estadual Indígena Mambuka, na aldeia Morro Falhado, onde continuo atuando até hoje.

¹ “Pé de terreiro” é o resto de feijão que sobra no terreiro.

As plantações são fundamentais para a sustentabilidade e a saúde do povo Xakriabá porque, além de estarmos ingerindo alimentos livres de agrotóxicos, ainda nos gera renda. A forma de manejar a plantação do feijão no brejo era realizando tudo manualmente, ou seja, era todo feito à mão, no passado não se usava nem um tipo de máquina e nem ferramentas industriais. Ou seja, consideramos que exista uma ciência ou conhecimento na forma de manejar o feijão e outros produtos em nossa terra de grande valor e complexidade, cabendo a nós mostrar tal complexidade. Escolhemos esse tema, o plantio de feijão no brejo, porque é uma forma tradicional usada pelos nossos pais e avós e continuam sendo usadas nos dias atuais. Queremos preservá-la para que possa ser utilizada pelas gerações futuras, como nossos filhos e netos.

Decidimos fazer esse trabalho em trio, pois duas das autoras do trabalho, Isamara e Romaria, já tinham conhecimento dessas práticas culturais de manejo com a terra, pois nossas famílias já vinham trabalhando com essa prática tradicional desde muitos anos atrás e gostaríamos de aprofundar mais nossos conhecimentos, e entender como iniciou essa forma tradicional de plantio desde a construção do açude. Então, a autora Marcilene, ao ouvir falar desse tema escolhido por as outras duas autoras, se interessou também a pesquisar sobre ele, aí decidiu se juntar a elas e formar um trio, pois achou interessante essa forma de manejo e queria passar a conhecer.

Essa monografia foi elaborada como projeto de pesquisa de conclusão de curso, apresentado a Faculdade de Educação da UFMG, referente à graduação em Ciências Sociais e Humanidades no curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas- FIEI. Esperamos que depois do nosso trabalho outras aldeias também possam se interessar em fazer esse tipo de plantio, pois devido ao nosso território ser extenso, às vezes nem todas as aldeias conseguem adquirir esses produtos plantados nos brejos na aldeia Barra do Sumaré. Contam os nossos mais velhos que antigamente as pessoas adoeciam menos e não tinham problemas estomacais porque só ingeriam

produtos orgânicos e nativos da terra, e hoje a maioria prefere comprar produtos fora da aldeia, por isso adoecem mais.

Acreditamos que futuramente esses produtos conseguirão chegar a mais aldeias devido ao projeto Banco de Sementes Crioulas. Esse projeto visa beneficiar os plantadores das nossas aldeias porque nesse Banco de Sementes os plantadores podem pegar as sementes que precisam emprestadas e pagar com a mesma semente depois da colheita, porém têm que pagar o dobro do que foi pego. Assim os plantadores conseguirão produzir sementes de boa qualidade e de variadas espécies.

1.2 A Terra Indígena Xakriabá

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões, com aproximadamente 52 mil hectares de terra demarcada, e com a população aproximadamente de 10 mil índios, divididos entre as 32 aldeias às margens do rio Itacarambi. Em nossa reserva existe, além desse, pequenos rios temporários e alguns permanentes.

Nossa terra é caracterizada pela vegetação de mata seca, cerrados e gerais. A vegetação predominante é o cerrado e caatinga, conhecido pelos Xakriabá como “gerais” ou “tabuleiro”, de muitas matas secas com várias espécies de árvores: sucupira, unhadanta, imburana, peque, cagaita, quina branca e quina preta, muriçi, borle, barbatimão, tingue, jatobá, papaconha, cabeça de mego, pau- doí, grão de galo, sete casaca, sambaibá, momoninha, cansação, barriguda, porcada entre outros. Possui clima semiárido, é quente durante todo o ano, o “tempo das águas” compreende dos meses de outubro a março, mas nos últimos anos o índice de chuvas tem diminuído muito.

Organização do território é feita através dos caciques, junto às lideranças e os membros da comunidade. Cacique é o líder dentro de uma reserva indígena e toma as decisões internas e externas para todas as aldeias. Liderança é o líder dentro da aldeia, e toma as decisões dentro da sua aldeia; e às vezes trabalham no coletivo e tomam decisões para todas as aldeias. Cada aldeia possui uma liderança e um vice, assim, os problemas que ocorrem nas aldeias são levados até as lideranças que tentam procurar a melhor forma para

resolvê-los e, quando é um problema mais complicado, as lideranças junto com o dono do problema vão até o cacique para resolver. É assim todos os problemas são resolvidos da melhor maneira possível. Toda e qualquer decisão a ser tomada dentro da Terra Indígena é tomada com o cacique junto às lideranças e a comunidade, mas a palavra final é do cacique que governa a política interna e externa dentro e fora das aldeias, visando melhorias para o povo.

O povo Xakriabá vivia apenas das roças, das caças e das pescas, mas com as tecnologias e os avanços tecnológicos vieram os produtos industrializados, gerando fortes impactos ambientais e culturais dentro das aldeias. As pessoas também passaram a adoecer com mais frequência e o meio ambiente sofrer cada vez mais com o acúmulo de lixos.

1.3 O brejo

O brejo é uma área extensa localizado na aldeia Barra do Sumaré, na beira do rio Sumaré, tem uma terra arenosa muito boa para fazer plantação, com uma paisagem predominante de mata verde com bastantes pés de frutos: goiabeiras, mangueiras, pitombeiras, entre outros. Antes de a Terra Indígena ser demarcada, apenas três famílias plantavam nesse brejo, em uma pequena área que hoje equivale a dois brejos, e eram plantados os mesmos alimentos que se plantam hoje, mais davam preferência à plantação de cana-de-açúcar, que essas famílias usavam para a produção de rapadura. Depois da terra indígena demarcada, esse brejo foi dividido em 16 brejos. Nesses brejos planta-se mandioca, milho, “feijõa”², cana-de-açúcar e feijão, sendo este último o mais plantado e procurado dentro e fora das aldeias. Por ser um produto bastante valorizado, realizamos a venda e também o trocamos em outros produtos. Atualmente o preço do feijão está em alta, por isso as trocas estão sendo mais que as vendas.

A aldeia Barra do Sumaré possui características diversificadas, tais como vegetação com bastante matas grossas e finas, como aroeira, braúna, angicos, gameleira, caatinga de porco, barriguda, marvas, assa-peixe, mata-pasto, entre outros. Possui solo argiloso e arenoso, com altos e baixos numa

² É uma espécie de feijão de grãos grandes e meio amargo.

área de vazantes, onde são feitas as plantações, sua principal característica é a presença do rio Sumaré. Por ser um rio permanente que nunca secou, e nem mudou seu percurso até hoje, ele passa por toda a aldeia Barra do Sumaré e deságua no município de São João das Missões. Existem algumas erosões no solo provocadas pelas chuvas e enchentes, e até mesmo pela ação humana, principalmente pela retirada da terra para a fabricação de telhas e alvenaria. Estas áreas de vegetação são bem caracterizadas por conter bastantes árvores frutíferas, como: goiabeiras, mangueiras, pitombeira e outras. Por meio desse rio é possível realizar diferentes atividades, principalmente, as agrícolas. O plantio de feijão no brejo só é possível devido a esse rio³.

Talvez por acharem que no brejo seja uma forma muito trabalhosa, as pessoas estão preferindo comprar os seus produtos nas cidades vizinhas, e às vezes nem têm o total conhecimento dos riscos que esses produtos trazem a nossa saúde. Desse modo, o objetivo geral da nossa pesquisa é compreender melhor porque as pessoas das nossas aldeias preferem comprar os seus alimentos nas cidades do que produzi-los, mesmo tendo a consciência que estão ingerindo produtos de má qualidade. Também gostaríamos de entender quais os motivos levaram os plantadores do passado a abandonar esse modo de plantio, queríamos aprofundar nossos conhecimentos sobre essa forma de plantio para poder ajudar a nossa aldeia, buscando projetos junto às Associações e aos plantadores para melhorar e preservar essas áreas de plantação. Além de procurar uma forma de ampliar essas plantações para que possam atingir todo o território, visando beneficiar as demais aldeias. Buscaremos mostrar para as pessoas da comunidade a importância do plantio com consciência, sem degradação do solo e do meio ambiente, e o desperdício de água, ou seja, os benefícios que esse tipo de plantação pode trazer e traz para nossa comunidade e nosso povo.

Utilizamos vários métodos para realizar nossa pesquisa, como entrevistas, oficinas com alunos da Escola Estadual Indígena Mambuka, observação participante nas roças, gravações, filmagens e fotografias, tudo isso com autorização prévia das pessoas envolvidas. As mesmas feitas por

³ Ver o mapa da aldeia Barra do Sumaré na página 44, no item Anexo.

nos autoras do trabalho. As entrevistas foram feitas com quatro grupos: os plantadores que retomaram o plantio depois da enchente de 1995, plantadores dos dias atuais, os parentes das duas famílias que iniciaram os trabalhos com a terra e o criador do projeto Banco de Sementes.

Desse modo a nossa monografia esta dividida em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos a história da construção do açude antes da Terra Indígena ser demarcada, e a reconstrução do açude depois da enchente em 1995, já com a Terra Indígena demarcada, para melhor entender como se deu essa trajetória de plantio do feijão no brejo. No segundo capítulo nós tratamos da forma tradicional do manejo com a terra. Finalmente, no terceiro capítulo, para fechar nossos argumentos e nosso texto, deixamos claro o envolvimento e a união das famílias no trabalho individual e coletivo; e abordamos nossas considerações finais para finalizar o mesmo.

2. Os brejos antes da demarcação da Terra Indígena Xakriabá

2.1. Os primeiros plantadores

Esse açude da aldeia Barra do Sumaré, onde plantamos esse feijão, foi construído entre 1930 e 1935. Nessa época a terra ainda não era demarcada, ou seja, ainda não era registrada como terra indígena. Somente duas grandes famílias habitavam nesse lugar: a família do senhor Luiz Pereira, e a do senhor Clemente Coelho. Essas duas famílias não eram indígenas, mas habitavam na área, pois nessa época a Terra Indígena Xakriabá ainda não era demarcada. Nesse lugar, que hoje é a aldeia Barra do Sumaré, essas famílias tinham as escrituras dessas terras e, segundo eles, também pagavam os seus impostos. Dizem que os documentos dessas terras ainda estão registrados no cartório e no fórum de Januária.

Então essas duas famílias começaram uma longa e dura jornada de trabalho, à frente da situação a família de Clemente Coelho e Luiz Pereira, que eram duas famílias grandes, onde pais e filhos trabalhavam juntos e começaram a trabalhar no pé da serra para fazer essa represa, que deu o nome de açude.

Açude nome dado à represa feita no rio Sumaré para poder fazer com que a água do rio chegue até as plantações nos brejos. Depois da construção da represa a água aumentou, ela continuou descendo normalmente no rio, mas também descendo nos regos feitos pelos plantadores. O rio Sumaré é o único rio permanente dentro do Xakriabá. Esse rio vem da aldeia Barreiro Preto, passa por toda a aldeia Barra do Sumaré e passa por todas essas aldeias – Itapicuru, Santa Cruz, São Domingos – e em outras áreas não-indígenas, até desaguar no município de São João das Missões.

Contudo o rio não passava tão próximo assim dessas terras e não teria como fazer essa água chegar até essas áreas de plantação, porque era em área inclinada. Então só seria possível levar essa água até os brejos se fizesse uma

grande represa no rio e cavasse valas no chão, e assim levar a água até elas para que fossem molhadas com a água rolada⁴.



Foto 1- A lapa do roncador de onde sai a água do Rio Sumaré, Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Julho de 2015.

Para fazer o açude, começaram a cortar aroeiras grossas e a carregar nos pescoços dos bois e levar para a sua beira. Depois de carregar muita madeira, começaram a fazer a montagem dessa tapagem com madeiras e pedras. Depois que terminaram de fazer a armação, foi trabalhar nas valas conhecidas como rego⁵. Foi feito um rego grande, que é chamado de rego principal, a limpeza desse rego é feito no coletivo por todos os plantadores. O rego principal é aquele que vem do açude e passa por fora, nas cabeceiras de todos os brejos. É desse rego que a água consegue chegar dentro dos brejos, e em cada brejo ele é feito por seu dono e sua família. E os pequenos regos, que são os responsáveis por realizar as molhas dentro dos brejos, são feitos e limpos por cada dono do brejo e dessa forma os mesmos são molhados por meio da água rolada

⁴ Nome que nós Xakriabá damos a forma de molhar quando não se usa nenhum sistema de irrigação, ou seja, a água é rolada de forma natural.

⁵ Valas abertas na terra para que a água corra até os brejos.



Foto 2- Rego principal, Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Julho de 2015.

Esses trabalhadores usaram uma técnica específica: foram cavando o rego e medindo com um prumo⁶, feito por eles mesmos com paus e linhas, para que conseguissem a medida para não ficar nem alto demais nem muito baixo, mas no nível correto para que a água pudesse fazer o percurso com mais facilidade. Esses plantadores foram descendo, cavando para baixo no sentido das terras. Foi um trabalho muito pesado, por não terem ferramentas de boas qualidades trabalhava braçal, usando apenas algumas ferramentas produzidas por eles próprios.

Naquela época, o senhor Luiz Pereira foi cavando a terra até quando chegou a uma pedreira que estava no meio do canal. Ele acabou desistindo de continuar o trabalho, alegando não dar para passar por ela, e junto com seus filhos foram embora. Mas o senhor Clemente Coelho não desistiu e ficou lá

⁶ Objeto de madeira usado para medir.

sozinho, ele colocava fogo nessa pedreira e, quando ela se encontrava bem vermelha, ele ia correndo no riacho pegar água e jogava em cima das pedras, para que elas estourassem. Quando isso acontecia, ele ia pegando os pedaços que iam se quebrando e jogando para fora, tornava a colocar fogo novamente e assim foi até conseguir atravessar por essa pedreira. Isso levou no mínimo 25 dias para atravessar o rochedo e quando a família do Senhor Luiz Pereira ficou sabendo que tinha conseguido atravessar, voltaram e foram novamente trabalhar. Uma terceira família, do senhor Cristo, também nessa época mudou para o local e foram trabalhar juntos.

Foi feito todo o canal até às terras do senhor Luiz Pereira, depois foram trabalhar na preparação das terras. Foram jogando por cima da armação feita com madeira e pedra sacos de cheios de areias e terra e conseguiu tampar a água e ela começou a descer no rego e assim chegar às terras. Aqueles que já estavam com as terras prontas foram plantar, quem ainda não estava, foi preparar as suas terras. Plantava-se milho, feijão, cana-de-açúcar, arroz, feijoa, andu⁷, gergelim, mandioca, entre outros alimentos mais o mais plantado era a cana-de-açúcar, que eles usavam na produção de rapadura. Assim eles trabalhavam juntos e cada um tinha um dia de usar a água para fazer as molhas. Trabalharam por muitos anos, até 1987, época da retomada das terras, quando essas famílias abandonaram aquelas terras e foram morar no Mucambinho⁸. Nessa época ocorreram muitos conflitos porque nós, indígenas Xakriabá, queríamos a demarcação das nossas terras. Durante esses conflitos, pessoas foram mortas e tiveram seus bens saqueados por fazendeiros, muitas casas e animais foram incendiados para que os seus donos desistissem das suas terras, e com medo de tanta violência essas famílias resolveram fugir.

Nesses conflitos foi onde perdemos várias pessoas do nosso povo que ficaram lutando pela terra, inclusive no dia 12/02/1987 houve uma chacina dentro do Xakriabá, onde foi assassinado por jagunços a mando do grileiro

⁷ Espécie de feijão que possui grãos bem pequenos e redondos

⁸ Uma pequena vila que fica do outro lado do rio São Francisco, no município de Itacarambi – MG.

Amaro, o nosso cacique Rosalino Gomes de Oliveira, e mais dois índios, José Teixeira e Manoel Fiuza da Silva, deixando Anizia, a mulher de Rosalino, ferida. Depois que acabaram os conflitos, eles não poderiam mais voltar porque agora eram considerados como posseiros⁹, mas também não fizeram questão de reivindicar essas terras.

2.2. A enchente que destruiu quase todo o açude e os primeiros Xakriabá beneficiados com as terras

Quando a terra foi demarcada, os Xakriabá que ficaram lutando por ela ficaram com as casas e as terras dos que tinham saído e também com essas áreas de plantação. Porém, na época da retomada, em 1987, chovia bastante e, depois de ficarem algumas semanas chovendo sem parar, houve uma imensa enchente, alagando todas as áreas de plantação. A enchente derrubou muitas árvores grossas e entulhos e os carregou para dentro do rio. Estes acabaram parando na parede feita no açude, por a armação do açude ser feita com saco cheio de areia e madeira, não suportou o peso da enxurrada e acabou arrebitando e destruiu quase todo o açude. Restou pouca coisa do que tinha sido feito antes e, com quase tudo destruído, não tinha como continuar com as plantações.

2.3 A reconstrução do açude em 1995

Depois que se passaram oito anos da enchente, e com o território indígena já reconhecido, as pessoas da aldeia resolveram reconstruir o açude e retomar as plantações. Pois nesse período o povo Xakriabá passava por sérias dificuldades financeiras, não tinham acesso a benefícios sociais, nem a trabalhos remunerados, que lhes gerassem renda. Por ser um povo tímido, a maioria analfabeta e por nesse tempo ser muito perigoso sair de suas terras, não tinham muitas oportunidades e nem frequentava muito os municípios vizinhos. Não existia no território Xakriabá nem escolas nem professores, vinham alguns professores brancos para darem aulas dentro das aldeias, porque para estudarem tinha que pagar e nem todos tinham condições. Então alguns dos pais trabalhavam para arrumar o dinheiro para pagar os estudos dos filhos. Dentro de todo o território Xakriaba existiam no máximo umas

⁹ Pessoas que moravam dentro do território indígena e não quiseram lutar pela terra.

cinco pessoas que sabiam ler espalhadas pelas aldeias, quando algum parente que morava fora escrevia uma carta, então teriam de sair à procura dessas pessoas para poderem ler.

Vivíamos apenas de nossas roças, das caças e da pesca. Como a população aumentava de forma bastante rápida essa situação ficava cada vez mais complicada. Pois devido a isso estava tendo muita migração do nosso povo para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida, mas nem todos tinham sucesso e às vezes nem conseguiam mais retornar para a aldeia.

Vendo a situação em que se encontrava o seu povo, o cacique da época, hoje já falecido, o senhor Manoel Rodrigo Gomes de Oliveira, conhecido por Rodrigão, teve a ideia de refazer a área de plantação. Ele acreditava que trabalhando na terra iríamos nos sustentar e ainda poderíamos trocar produtos com outras comunidades, já que temos o costume da troca. Por exemplo, se tem alguém na aldeia um produtor de farinha e um produz feijão, realizamos a troca da farinha no feijão, assim os dois produtores terão em suas casas os dois alimentos. Quando uma pessoa não tem algum tipo de alimento na sua casa, ele trabalha e prefere receber o pagamento em troca de alimento ou produto que está em falta em sua casa.

Como dissemos o cacique Rodrigo reuniu junto às lideranças, o pessoal e a comunidade para avaliar as condições do que restou depois da enchente, foram ver como seria possível e o que seria possível para fazer essa reconstrução. Porém dessa vez usando outras técnicas e ferramentas mais avançadas, como enxadas, enxadões, ponteiros e outros. Além disso, esse mutirão contou com um total de 16 plantadores, que se reuniram para comprar materiais para refazer a construção. Dessa vez foi feita com cimento, areia e pedra. Foi construído tipo um muro. Primeiro foi feito uma parte e esperou secar uns dias para poder fazer o outro lado, e foi feito uma espécie de janela para a água passar por ela e ir para o rio e quando for a época da plantação é só fechar essa janela com saco de areia e tábua de madeira.



Foto 3 - A armação do açude vista por baixo. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Julho de 2015.



Foto 4 - A armação do açude vista por cima. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Julho de 2015.

Então, dessa forma, a água foi represada e começa a descer nos regos. Então eles precisaram dar uma limpada em volta das valas e aprofundar mais um pouco, porque com o passar dos anos, por causa das enxurradas, essas valas foram-se aterrando.

2.4. Os plantadores atuais

Hoje em dia as principais famílias envolvidas nessa plantação são a do senhor Bermeval Nunes de Oliveira, hoje com 55 anos de idade, que é um dos netos do Senhor Clemente Coelho, e a de dona Senhorinha Alves de Macedo, hoje com 78 anos de idade, e até hoje continuam plantando nesses brejos, e outras oito famílias que totalizam 16 plantadores que foram ganhando pedaços desses brejos, as famílias dos senhores Luiz Pinheiro das Neves, Santo Guimarães de Souza, José Nunes de Aguiar, José Pereira Farias, Manoel Gonçalves de Macedo, José Alves de Souza e dona Julia Ferreira da Silva, onde trabalham filhos e genros. Algumas características das roças mudaram como a época em que se planta e o que se planta hoje mudou. Não se planta mais o ano todo, se planta apenas duas vezes por ano, pois com o passar dos anos a terra fica cansada e não produz mais como produzia antes. Por isso tem que dar um tempo entre uma planta e outra para a terra poder descansar.

3. O manejo do feijão nos brejos

3.1. Preparo da terra e irrigação:

No mês de maio começa o preparo da terra. Primeiro roçamos o mato fino com a foice, esperamos secar e seguida colocamos fogo no roçado. Depois pegamos as sobras que não conseguiu queimar, e fazemos as coivaras¹⁰ e coloca fogo de novo. Depois desse processo a terra já está pronta para fazer a primeira molha e iniciar as plantações. As molhas são feitas por meio da água rolada. No início de junho todos os plantadores se reúnem para fazer o roçado e a limpeza do rego principal e colocar a água no rego. Mas a limpeza dentro dos brejos é feitos somente pelo dono da terra.



Foto 5 - Plantador Vagner Alves Macedo fazendo as molhas da roça de feijão. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Agosto de 2016.

3.2 Plantação

Na primeira lua nova do mês de junho inicia as plantações de feijão. Quem tiver com a semente e a terra preparada faz a primeira molha e planta. Pois a semente precisa retirar os torrões, bandas e os caroços xoxos¹¹ para serem plantadas só as sementes boas. O plantio do feijão começa em junho. Depois de plantado, faz duas limpas, isto é, capinar o mato. A colheita

¹⁰ Amontoados de galhos para queimar.

¹¹ Aqueles caroços que não se desenvolveram, ficaram pequenos e murchos e não serve nem pra plantar e nem pra comer.

acontece em setembro. Em outubro fazem a segunda planta, a do milho, que é colhido de acordo com as necessidades de cada plantador.



Foto 6 - Plantando o feijão. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Junho de 2016.

Alguns colhem logo ao amadurecer, outros colhem quando seca, e muitos colhem só na época de preparar a terra para o próximo plantio de feijão. Alguns plantadores dizem que não plantam mais o ano todo porque com o passar dos tempos a terra vai ficando fraca, então tem que dar um intervalo entre uma planta e outra para que a terra possa descansar e se recuperar, porque senão não irá produzir como produzia antes. Hoje eles plantam apenas feijão e milho, e alguns plantadores plantam também mandioca, mas dão preferência para o plantio do feijão por ser um produto muito consumido e bastante procurado dentro e fora da aldeia.

Apesar das variedades existentes de feijão, o mais plantado é o feijão carioquinha e o catador. Por não serem todos que têm todos os tipos dessas variedades de sementes de feijão, eles realizam trocas entre os plantadores e até mesmo com pessoas de outras aldeias. Eles também vendem o feijão para outras aldeias, e para fora da aldeia, e também fazem trocas por outras mercadorias e serviços.



Foto 7- Feijão rosinha armazenado no Banco de Sementes da Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.



Foto 8 - Feijão catador no Banco de Sementes da Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.



Foto 9 - Feijão serra azul armazenado no Banco de Sementes da Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.



Foto 10- Feijão bico de ouro armazenado no Banco de Sementes da Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.



Foto 11 - Feijão carioca preto armazenado no Banco de Sementes da Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.

Para que essas sementes sejam usadas no próximo ano, os plantadores utilizam garrafas pets para fazer o seu armazenamento. Assim elas podem ficar guardadas por anos e não irão estragar.

A plantação é feita com enxada e enxadão, cava as covas com distância de 2 a 3 palmos uma da outra em forma de fileiras, coloca de 3 a 4 sementes dentro da cova e joga terra com os pés para tapar as covas. Só pode molhar de novo quando o feijão já estiver totalmente nascido, porque se molhar antes a terra cobre o feijão e ele se cola e não nasce. Depois de

nascido, molhamos uma vez por semana, ou seja, se o plantador fez sua primeira molha na segunda-feira, ele vai continuar molhando toda segunda-feira, e o mesmo acontece com os outros plantadores, sucessivamente, até a colheita.

3.3 Colheita

De dois a três meses após o plantio, no mês de setembro, começa a colheita e às vezes estende-se até o início de outubro. Um dia em antes de ir arrancar o feijão, se faz a última molha para a terra ficar mole e o feijão ser arrancado com mais facilidade. Vai arrancando os pés do feijão e fazendo os montes entre as fileiras. Depois de tudo arrancando, vai se preparar o terreiro¹², esse espaço precisa ser limpo, de preferência em terreno sem muitas pedras, areias e torrões para não ter sujeira após a colheita.

O feijão é carregado dos brejos até os terreiros após alguns dias, quando estiver bem seco ele já pode ser batido e ensacado. Para bater o feijão é preciso fazer pequenos montes e bater com o cambão¹³. O impacto faz com que ele se solte totalmente das bajas.



Foto 12 – Carregando o feijão para o terreiro para ser batido. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Setembro de 2016.

¹² Espaço preparado para colocar o feijão.

¹³ Cambão é um tipo de ferramenta feito com dois pedaços de madeira amarrados por uma corda, e bater em cima dos montes de feijão até que eles saiam totalmente das bajas, nome tradicional que nós, Xakriabá, damos para as vagens do feijão.



Foto 13 – Limpando o feijão após batido. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Setembro de 2016.

3.4 Estocagem e armazenamento:

Depois tiramos a moinha¹⁴ grossa e batemos novamente para soltar totalmente os caroços das bajas. Então passamos tudo na peneira¹⁵ e tiramos a moinha novamente e depois é só soprar para poder ficar bem limpinho e poder ensacar. Após o feijão ensacado, se faz um preparo com esterco queimado e mistura no saco junto ao feijão para o feijão não furar¹⁶.

¹⁴ Pedacos dos restos dos pés, das bajas e folhas dos feijões que se soltam depois que ele e batido.

¹⁵ Vasilha feita de palha com cipó com pequenos furos.

¹⁶ Estragar.



Foto 14 – O feijão batido e ensacado, pronto para soprar. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Setembro de 2016.

3.5 Venda, troca e o consumo do feijão

Nós, Xakriabá, realizamos muito as trocas de mercadorias. E com o feijão não é diferente. Após a estocagem e o armazenamento, tiramos parte do que foi colhido para a alimentação e para fazer a plantação no ano seguinte. E com a outra parte realizamos a venda e a troca, o trocamos por outros alimentos que não produzimos, fazemos a venda para dentro e fora das aldeias e também tiramos um pouco para dividir entre os parentes e amigos que não tem essas áreas plantação.

4. Envolvimento das famílias e das Associações das aldeias Xakriabá nas plantações de feijão no brejo

4.1 Famílias

A forma que hoje nossa comunidade trabalha nos brejos tem um envolvimento muito grande com as famílias. Existe uma parte do serviço em que a família trabalha individual e outra em que as famílias trabalham juntas. Nesse trabalho individual é onde cada família realiza as atividades dentro do seu brejo, tais como: a limpeza da terra, as limpezas dos regos dentro do brejo, arrancar, soprar¹⁷ e armazenar o feijão.

No trabalho coletivo realizam atividades como a limpeza do rego principal, bater o feijão tanto com o cambão quanto com a máquina de bater feijão. Essa máquina bate, limpa e ensaca o feijão, os plantadores apenas colocam o feijão na máquina e seguram o saco para poder encher, fazem a tapagem da água do rio para descer no rego principal, e fazem reuniões para tomada de decisões e junto às associações buscar projetos para melhorar as áreas de plantação.

4.2 A importância das famílias e do trabalho em conjunto na plantação do feijão no brejo

Os homens são os responsáveis pelas limpezas do rego principal e dos brejos, roçadas e queima dos matos, fazer as coivaras, preparar o solo, fazer as molhas, plantar, arrancar, carregar o feijão para terreiro e bater o feijão.

As mulheres desenvolvem muitos trabalhos durante os plantios do feijão do brejo. Enquanto os homens estão fazendo o preparo da terra, a limpeza das valas e a plantação, as mulheres se reúnem para fazer a comida para o mutirão, que também é conhecido como ajuntamento¹⁸.

Quando chega a época da colheita do feijão, as mulheres ajudam a catar e a arrancar o feijão. Então as mulheres voltam a praticar o serviço

¹⁷ Pegar o feijão depois de batido colocar na peneira e jogar para cima fazendo movimentos para que o vento retire as sujeiras.

¹⁸ Quantidade de homens que se reúnem para realização de um serviço na roça.

somente depois que o feijão é levado para o terreiro e batido, pois são as mulheres que retiram a moinha do feijão, passa na peneira. Essa peneira é usada para limpar a moinha do feijão, deixando só os grãos para ensacar.

As crianças tem um papel muito importante no plantio de feijão do brejo, principalmente nas tapagens das covas e para catar os caroços que ficam no pé de terreiro¹⁹. Nas tapagens das covas, por ser um trabalho mais simples e ao mesmo tempo cansativo, é difícil de ser feitos por pessoas adultas, pois passa muito tempo agachado no chão para catar os grãos que sobram. Então os trabalhadores passam essas tarefas para as crianças, pois as mesmas gostam de praticar esses serviços, e na maioria das vezes até desenvolvem brincadeiras durante o trabalho, como por exemplo: competições para ver quem tampa mais covas e a quantidades de fileiras de covas que cada um consegue levar e terminar primeiro.

Durante esse trabalho as crianças que estudam não ficam prejudicadas na escola, pois o trabalho nos brejos fica valendo como carga horária escolar, porque o manejo do plantio do feijão no brejo já está inserido no calendário sociocultural da nossa comunidade.

Depois que já fizeram a sua parte no serviço, as crianças voltam para a escola, os professores desenvolvem as atividades de acordo com seus conhecimentos e os conhecimentos adquiridos pelos alunos também. Dessa maneira não deixamos perder com o tempo costumes e tradições dos nossos mais velhos. Os jovens que hoje são plantadores do feijão do brejo aprenderam assim, um pouco com os pais na prática, e outro pouco na teoria com os professores na escola.

Como explicamos, por ser um trabalho mais difícil de ser feito por adultos, quem faz o pé de terreiro são as crianças. Depois do feijão colhido, elas não precisam entregar os feijões para os plantadores, as crianças podem fazer o que quiser com o feijão, pode levar pra casa para comer, vender, ou fazer trocas.

¹⁹ Depois que os plantadores terminam de bater o feijão e fazer o armazenamento, sempre sobra alguns caroços bem mais misturados e espalhados no terreiro junto com pedras, terras, e pedaços de moinhas, o que é chamado de pé de terreiro.



Foto 15 – Pé do terreiro. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Setembro de 2016.

Nós, autoras do trabalho, Romaria e Isamara, temos a lembrança de quando éramos pequenas, fazíamos esse tipo trabalho, junto com nossos tios e primos. Íamos de terreiro em terreiro catando os pés de terreiro, isto é, as sobras do feijão. Depois de catado íamos até uma vendinha ali mesmo na aldeia trocar por mercadorias, tais como balas, chiclete, pipoca e salgadinho, outras crianças preferiam trocar por dinheiro.

Em conversa com o nosso entrevistado Milton Alves de Souza, em abril de 2017, que é residente na aldeia Barra do Sumaré, hoje com 28 anos de idade, ele nos relatou que desde seus 6 anos ele começou a ajudar o seu pai nesse plantio:

Me lembro que eu e minhas primas e primos ia pros terreiros de feijão de todos os plantadores, depois que nos saíamos da escola, nos íamos pros brejos catar o pé de terreiro, pegávamos um litro descartável e o cortava e começava a catar o feijão, os plantadores batia o feijão e largava o restante lá tudo misturado com terra, nos pegava até competição para ver quem catava mais ligeiro, uns enchia o litro rapidinho e outros para ver se terminava primeiro enchia o litro muito misturado com terra e as vezes quando ia na venda vender o vendedor nem queria comprar e

as vezes comprava mais era mais barato. (Milton Alves de Souza, aldeia Barra do Sumaré, 2017)

Porém essa prática de serviço, nos dias atuais, não está mais acontecendo com frequência, devidos às mudanças nas formas de plantar, colher e lidar com a terra. Essas atividades foram quase todas substituídas por maquinário agrícola e o envolvimento das crianças já é menor. Nos dias de hoje esse trabalho é feito mais pelos homens, os próprios plantadores.

4.3. Recursos de Associações

Em janeiro de 2015, o senhor Nicolau Gonçalves de Alkmim, residente da aldeia Vargens, presidente da Associação da sua aldeia veio, conhecer o sistema de irrigação da aldeia Barra do Sumaré. Em conversa com o senhor Bermeval Nunes de Oliveira, um dos plantadores mais velhos dessa segunda geração do plantio nos brejos, Nicolau teve a ideia de juntar algumas Associações Indígenas Xakriabá. Então juntou a associação da aldeia Barra do Sumaré com as associações das aldeias Barreiro Preto, Riacho do Brejo, Riacho dos Buritis, Brejo Mata Fome e Sumaré, visando fazer um projeto para a melhoria do canal de irrigação das terras da aldeia Barra do Sumaré, pois os plantadores encontravam dificuldades na hora de jogar a água nos brejos, além de, às vezes, as bocas²⁰ por onde as águas correm serem fechadas e o fluxo interrompido, enquanto outras estouravam e com isso ocorriam muitos vazamentos. Sendo assim muito trabalho é necessário para a manutenção de todo o sistema de irrigação.

A partir dessas parcerias entre as associações, conseguiram recursos para a melhoria dos canais de irrigação e foram comprados cimentos, britas, areias e canos de PVC com 100 e 200 cm de largura. Dessa forma, novas “bocas” foram feitas com concreto, agora, a água não desmancha as “bocas” e com isso não vasa.

²⁰ Lugar onde a água sai a água do rego principal para entra nos brejos.



Foto 16 e 17 - O rego principal depois das reformas feitas pelos projetos da associação. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2016.



Foto 18 – Bocas depois das reformas feitas pelos projetos da associação. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2016.

Na mesma reunião feita para receber esses materiais foi pensado outro projeto que é o do Banco de Sementes, financiado com recurso que era para a construção e reformas do Banco de Sementes da aldeia Vargens. Então o senhor Nicolau doou esse projeto para a aldeia Barra do Sumaré, pois viu que

essa comunidade tem a produção de variadas sementes crioulas devido o plantio nos brejos. Esse Banco de Semente serve para guardar e preservar essas sementes, como já dissemos, ele funciona da seguinte maneira: os agricultores colhem suas sementes depois guardam no Banco de Semente, para ser plantada nos anos seguintes, nele existe uma pessoa para fazer as seleções e engarrafamentos das sementes, ou até mesmo o teste para saber se a ela é crioula ou não. O mesmo já foi construído e está funcionando desde 2016.

Nesse Banco de Sementes a forma de armazenamento continua a mesma, todas as sementes são colocadas em garrafas pets e em alguns vasilhames que vieram juntos no projeto. Já explicamos que Banco de Sementes é o nome dado para um projeto das Associações Xakriabá para preservar as sementes crioulas. Pois ao longo dos anos essas sementes vêm desaparecendo, dando lugar às sementes que desconhecemos e não sabemos de suas qualidades e como serão nossas produções. Assim, esse projeto é feito numa casa para guardar essas sementes selecionadas, os plantadores podem guardar suas sementes, e, quando necessitar, podem pegar de volta ou até mesmo adquirir outras diferentes por meio de trocas ou de empréstimo. Hoje existem apenas três Bancos de Sementes, um na aldeia Vargens, na aldeia Sumaré e outro recente na aldeia Barra do Sumaré.



Foto 19 – Casa do Banco de Sementes, Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Abril de 2017.

Sementes crioulas são chamadas as variedades de sementes agrícolas que foram adaptadas ao clima e o solo de cada região, são sementes tradicionais, ou seja, elas foram selecionadas e mantidas por várias décadas através dos agricultores tradicionais. Essas sementes guardam a riqueza natural das nossas terras e, por isto, devem ser preservadas e também disseminadas. Os Xakriabá, ao invés de plantar sementes industrializadas, como aquelas que recebemos da EMATER²¹, os agricultores preferem plantar suas próprias sementes.

Como dissemos, essas variedades de sementes são armazenadas em garrafas pets e tambores e assim duram de quatro a cinco anos. Alguns Xakriabá percebem que as sementes crioulas possuem mais qualidade e resistência ao clima da região e também maior valor cultural para seu povo. A partir dessa concepção a comunidade Barra do Sumaré fortaleceu o plantio dessas sementes selecionadas, fazendo também o armazenamento das sementes crioulas da Terra Indígena Xakriabá. Os plantadores dessas sementes são chamados de “guardiões de sementes”. Os trabalhos desses guardiões vêm de muitos anos atrás com as lavouras dos nossos ancestrais. Essa forma de armazenamento das sementes crioulas estava um pouco adormecida entre Xakriabá, mas agora já está sendo recuperado aos poucos. Por meio desses projetos dos Bancos de Sementes essa tradição está sendo repassadas aos mais jovens, na sala de aula os alunos aprendem a importância de plantar as sementes crioulas. Quando a gente fala de sementes crioulas, não estamos falando apenas de sementes plantadas, mas também da memória e história do povo Xakriabá que vamos construindo e recuperando.

Também com o apoio das Associações conseguimos entrar como produtores nas licitações de compra de alimentos para as merendas escolares, assim tudo o que produzimos não sai das aldeias e conseguimos vendê-los por um preço melhor. Todos os plantadores que estiverem em dia com a associação, como os pagamentos, a carteirinha da associação, a DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf) entre outros documentos, e forem

²¹ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural é uma instituição pública que visa promover o desenvolvimento rural sustentável. A EMATER tem uma sede localizada em São João das Missões.

escolhidos na licitação podem vender seus produtos para a merenda nas escolas. Assim a escola tem um papel fundamental no cultivo do feijão, pois alguns alunos acompanham todo o processo produtivo e o alimento retorna para lá, fazendo parte do cardápio escolar.

4.4. Manutenção e mudanças da produção agrícola no brejo hoje.

Conforme foram passando os anos, as tecnologias e os avanços tecnológicos foram chegando dentro das aldeias, devido a isso houve algumas mudanças na forma de manejo nos brejos.

Segundo nosso entrevistado, o senhor José Alves de Souza, com quem conversamos julho de 2016, e é um dos plantadores de feijão no brejo, diferenças que vêm ocorrendo nos brejos com a chegada das tecnologias:

“A forma de hoje tem diferença, por causa que na época que a gente começou a gente só plantava assim, era de enxada que a gente plantava tudo de enxada, agente não usava máquina era mais comum, a pratica da gente trabalhar era plantando tudo de enxada ai pra gente era mais manual. Depois que passou uns dois a três anos foi chegando outros plantadores experientes já com máquina pra plantar, plantar de máquina pra adiantar, sempre eu mesmo durante eu trabalhei nunca plantei de máquina eu toda vida plantei só de enxada”. (Jose Alves de Souza, Barra do Sumaré 2016)

Hoje já se usa o trator para arar a terra, nem se usa mais o esterco queimado para o feijão não estragar. Agora o armazenamento é feito em garrafas pets e dentro da garrafa ele fica preservado durante anos, e isso sem usar nenhum produto. Na colheita já se usa uma máquina de bater feijão, essa máquina funciona da seguinte forma: se coloca os pés de feijão dentro dela, a mesma bate o feijão joga a moinha para fora e o feijão já sai pronto para ensacar.

Apesar de algumas mudanças, a união dos trabalhadores continuou da mesma forma. Quando chega a época da colheita, eles se reúnem para irem colocando os pés de feijão dentro da máquina, que vai passando desde o primeiro brejo até o ultimo. Esses avanços vieram facilitar algumas etapas no manejo, porém, houve alguns problemas:

Depois que a terra passou a ser arada com o trator ela ficou mais difícil de ser molhada, aqueles brejos que se molhavam em um dia, hoje se leva um dia e meio ou até dois dias para ser molhado.

O aumento da água prejudicou algumas plantações, houve casos de alagamentos e algumas plantações foram perdidas mesmo depois da replanta, voltaram a morrer novamente.



Foto 20 – Parte da roça de feijão que não desenvolveu devido aos alagamentos. Aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. Setembro de 2016.

Com o uso da máquina de colheita houve muito desperdício de sementes, pois a máquina, ao jogar as moinhas para fora, acaba levando muitos caroços de feijão junto, ao bater parte das sementes em bandas e pedaços, servindo assim apenas para o consumo e não mais para plantação. Houve plantadores que tiveram que fazer a troca dessas bandas em sementes inteiras para fazer o seu plantio.

Por outro lado, após essas mudanças houve algumas melhorias no manejo, foram feitas construções com cimento das bocas e a reformas do rego principal, e o uso de algumas máquinas facilitando os serviços beneficiando os plantadores. Com o uso da máquina no plantio se planta mais rápido do que quando era plantado na enxada e ainda evita que as aves peguem as sementes que foram plantadas. Com o uso do trator na aração da terra, ela fica mais fofa e mais adubada porque tomba a terra junto com os pés do milho, que já foram colhidos e os mesmos servem de adubo.

A máquina usada na colheita torna o trabalho mais fácil e rápido, porque a máquina já bate limpa e ensaca sozinha, facilitando o trabalho

manual dos plantadores, pois esse processo é o mais trabalhoso e o mais demorado quando é feito manual. Com as reformas dos canais facilitou o trabalho dos plantadores, com o manejo da irrigação houve aumento na água e as bocas não estoura mais como antes e nem tem vazamentos de água. E com esse aumento de água e feita a molha mais rápido.

Acreditamos que esses avanços tiveram um lado positivo e também um lado negativo. Porém o negativo foi o que mais pesou segundo os relatos dos próprios plantadores, que disseram que essas mudanças foram mais negativas e que nos próximos anos irão optar pela mesma forma que viam trabalhando antes, pois essas mudanças recentes foram usadas apenas como testes no ano de 2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, Xakriabá, da Aldeia Barra do Sumaré, crescemos praticando o plantio de diferentes produtos agrícolas no brejo e herdamos de nossos velhos e velhas, que iniciaram o trabalho na nossa terra, o modo de preparar a terra, de plantar, de colher, de estocar e de trocar, bem como de consumir os produtos ali plantados. Em entrevistas com nossos mais velhos, eles nos relataram que na enchente de 1987, ano da demarcação da terra indígena, houve um longo período de crise dentro do território xakriabá, pois não tinham nenhum acesso a benefícios sociais vindos do governo e não existiam trabalhos remunerados que gerasse renda dentro do nosso território. Podendo, assim, contar apenas com o que se ganhava das roças, das caças e das pescas.

Por meio de algumas plantações, principalmente nos brejos, conseguimos passar por essa crise e do nosso plantio tirávamos quase todos os alimentos que precisávamos. Os produtos que necessitávamos mas que não produzíamos, fazíamos a troca de nossos cultivos por outros alimentos ou mercadorias, nos municípios vizinhos. A partir daí, passamos a perceber a importância dessas plantações para o nosso povo, pois, de certo modo acreditamos que os trabalhos nos brejos produzem união entre o povo Xakriabá. Por exemplo, muitas vezes aquelas famílias que produzem mais acabam ajudando aquelas que produzem menos. A participação em conjunto da família, e das famílias, nesse processo é fundamental, pois é um trabalho que envolve o homem, a mulher e as crianças, ou seja, um trabalho em conjunto, onde só acontece com a participação e a colaboração de todos os envolvidos.

Nós mulheres ainda não tínhamos parado para observar o nosso papel e o quanto ele é fundamental para que o serviço aconteça. Pois quando não estamos nas plantações fazendo tais trabalhos, estamos em casa cuidando das crianças e fazendo a comida para os que estão trabalhando. Nossa participação funciona assim, ora na roça de feijão, ora em casa, mas sempre em função desse serviço.

O trabalho e o manejo das terras do brejo eram feitos, até 2014, de forma mais manual. Porém, no ano de 2015, devido a alguns recursos conseguidos pelos projetos de associações, houve algumas mudanças na irrigação e no uso de algumas máquinas. Contudo, os plantadores não ficaram muito satisfeitos com os resultados obtidos com essas mudanças e tomaram uma decisão de que não irão mais plantar dessa forma. Disseram que vão continuar plantando da forma tradicional que vinham praticando há anos.

A partir dessas observações que fizemos e das entrevistas cedidas pelos mais velhos fez crescer em nós ainda mais o nosso respeito pela crença e o conhecimento tradicional do nosso povo com a terra. Vimos a necessidade de deixar escrito, pois esses nossos anciãos guardam apenas em si esses conhecimentos, na memória, e um dia eles não estarão mais aqui para nos passar esses conhecimentos. Registrá-los seria uma forma de preservá-los, para ser passado para gerações futuras.

Somos mulheres trabalhadoras das plantações de feijão no brejo, desde muito cedo, sempre trabalhamos nessas plantações junto aos nossos pais, ouvindo as histórias de quando eles trabalhavam junto com os pais deles. Ainda não tínhamos parado para observar a complexidade que envolve o manejo de feijão no brejo. Esse trabalho nos proporcionou passar a ver essas plantações com outros olhos; olhos de quem estão de fora da lida e do manejo cotidiano das plantações; um olhar de um pesquisador que nos dá a oportunidade de nos colocarmos do outro lado da história e passar a perceber as coisas de outra forma. Ou seja, da forma necessária para experimentar a escrita desse trabalho. Com tais conhecimentos o nosso objetivo é contribuir para que essas práticas de manejo permaneçam para as próximas gerações do povo Xakriabá.

Entrevistas

- Bermeval Nunes de Oliveira Barra do Sumaré, plantador do brejo, da Aldeia Barra de Sumaré, março de 2015;
- João Oliveira das Neves, plantador do brejo, da Aldeia Barra de Sumaré, julho de 2016;
- José Nunes de Souza, plantador do brejo, da Aldeia Barra de Sumaré, julho de 2016;
- José Pereira Farias, plantador do brejo, da Aldeia Barra de Sumaré, abril de 2017;
- Magna Nunes de Souza, moradora da comunidade, da Aldeia Barra do Sumaré, abril de 2017;
- Manoel Guimarães Oliveira Forges, plantador do brejo e pessoa mais velha da comunidade, da Aldeia Barra de Sumaré, março de 2015;
- Milton Alves de Souza, plantador do brejo, da Aldeia Barra de Sumaré, abril de 2017;
- Nicolau Gonçalves de Alkimim Vargem, presidente da associação, da Aldeia Barra de Sumaré, julho de 2016;
- Terezinha Alves de Oliveira, pessoa mais velha da comunidade, da Aldeia Barra do Sumaré, dezembro de 2015;
- Valdetina Oliveira de Jesus Forges, pessoa mais velha da comunidade, da Aldeia Barra do Sumaré, março de 2015.

Anexo: Mapa Mental da Aldeia Barra do Sumaré Terra Indígena Xakriabá

